

A CONCOMITÂNCIA ENTRE ESTUDAR E JOGAR: OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE DESCONTINUIDADE NA ESCOLARIZAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL EM FORMAÇÃO

Daniel Machado da Conceição¹

Alexandre Fernandez Vaz²

Resumo

O artigo aborda a formação de atletas no futebol de campo e sua relação com a escola, apresentando parte dos resultados obtidos em pesquisa com as categorias de base de dois clubes profissionais de Santa Catarina. Os resultados permitiram observar que a atual formação esportiva no futebol de campo favorece o desenvolvimento do que chamamos de descontinuidade na relação que o atleta constrói com a escola e conseqüentemente com a sua escolarização. O termo estudante-atleta indica dois papéis sociais compartilhados, o de estudante e o atleta. Os dois papeis são exercidos por meio de atitudes e posturas reconhecidas nas instituições que representam (escola e clube). Quando os juntamos, destacamos que o jovem parece estar na intersecção entre duas formações, uma dupla carreira. São projetos que muitas vezes são apresentados como incompatíveis e não relacionados. Propomos que ambas carreiras possam ser pensadas em sua complementariedade, isto é, uma favorecendo a outra. Para que essa transformação ocorra se faz necessário repensar os objetivos da formação e seu processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Ensino Médio; Dupla Carreira; Escolarização; Estudante-Atleta; Futebol;

The concomitance between studying and playing: notes on the discontinuity process of schooling of young soccer players

Abstract

This paper discusses the education of young soccer players and their relationship with the school, presenting part of the results obtained in a research about the grassroots categories of two professional clubs in Santa Catarina. The results allowed us to observe that the current sports formation in soccer favors the development of what we call discontinuity in the relationship between athletes and school. The keyword student-athlete suggests two shared social roles, that of student and athlete. Both roles are played through attitudes in the school and in the club. When we put them together, we emphasize that the young soccer players seem to be at the intersection between two forms of education, a double career. These both projects are often presented as incompatible and unrelated.

¹ Daniel Machado da Conceição – Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, Mestre em Educação, graduação em Ciências Sociais pela UFSC. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/CED/UFSC), membro do Grupo Esporte e Sociedade. Bolsista no Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina UNIEDU/Pós-Graduação.

² Alexandre Fernandez Vaz – Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSC). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Pesquisador CNPq.

We propose that both careers can be thought in their complementarity, that is, one in favor of the other. For this transformation, it is necessary to rethink the objectives of education and its development process.

Keywords: High School; Double Career; Schooling; Student–Athlete; Soccer.

Formação de atletas como campo de estudos

O país da ginga, que escolheu o corpo como modus expressivo e que caracteriza a si mesmo pela descontração dos corpos, permitiu produzir artistas em diversas áreas, alguns anônimos e outros superestrelas mundiais. O esporte quando colocado no patamar da arte se equipara como um veículo de mobilidade social muito aceito e reconhecido na sociedade brasileira. As desigualdades sociais incentivam a busca de alternativas para sua superação. A escolarização e a capacitação para o exercício de atividades laborais no mercado de trabalho formal se apresentam como ideal, mas grande parte da população brasileira encontra na informalidade a maneira de subsistência. Este fato tem impacto direto nas escolhas que possam envolver seguir ou não na escola. Em muitas situações as famílias preferem que seus filhos possam trabalhar contribuindo para a subsistência do grupo em detrimento da maior dedicação às atividades escolares.

O contexto social de algumas famílias às vezes favorece o desenvolvimento de atividades esportivas, consideradas oportunidades para concorrer com as imposições regulamentares que o processo de escolarização exige. Isto é, o processo de escolarização é longo, envolvendo os Ensinos Fundamental, Médio, Técnico e Superior. Um processo acumulativo que passa a ser objetivado nos certificados de conclusão de cursos que habilitam para o desempenho de determinada atividade laboral. Nesse itinerário escolar o retorno financeiro pode acontecer apenas na conclusão do processo. Não podemos desconsiderar políticas públicas que têm procurado suprir essa lacuna favorecendo renda a estudantes, como bolsas de estudos, estágios remunerados ou o vínculo empregatício por meio da Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000). Infelizmente, os valores da remuneração não são suficientes para as famílias, pois proporcionais às horas de trabalho (em geral, meio período), fazendo com que muitos jovens deixem a escola procurando trabalhos com jornadas maiores, o que significa remuneração superior. Atividades esportivas, artísticas ou outras vinculadas à indústria da moda são aceitas como possibilidade de a curto prazo ter a recompensa financeira esperada. Muitas vezes

o acesso aos bens materiais e culturais, o que significa a circulação em novos espaços, viagens, disponibilidade de serviços de saúde etc., sinalizam para as famílias de atletas que o jovem está no caminho certo, mesmo sem uma remuneração imediata. O que vale no projeto é o campo de possibilidades que se apresenta e se ressignifica constantemente.

Os sonhos de muitos jovens que vivenciam essa realidade em suas casas começam a ser externados no desejo de proporcionar uma vida melhor a seus familiares, o que para Damo (2008) representa um *contra-dom*. Um dos principais é a compra da casa própria para família e, em seguida, ganhar o mundo desfilando em tapetes verdes demonstrando sua habilidade como malabares da esfera que cruza os umbrais do gol, produzir catarse no público e, com o toque de Midas, fazer com que tudo possa virar ouro, engordando contas bancárias. Esta é uma trajetória de sucesso e reconhecimento que representa apenas 3% dos melhores salários no futebol em nível mundial. Aqueles que não conseguem o destaque, no Brasil, devem se contentar em receber até dois salários-mínimos no exercício de sua profissão, sob contratos de trabalho temporários e muitas vezes precários. A dura realidade do futebol brasileiro é vivenciada por pelo menos 85% dos atletas profissionais. Muitos outros com o mesmo sonho (ascensão social) entram nesse processo competitivo e ficam pelo caminho. Não são poucos os candidatos a superastros do futebol que têm seus projetos interrompidos, criando um grande contingente de frustrados que identificam na expressão “quase” a resposta para seu infortúnio (SOUZA et. al., 2008).

O futebol é a modalidade de maior destaque no cenário esportivo nacional. A profissão atleta de futebol possui agruras ligadas a uma intensa dedicação para atingir o reconhecimento daqueles que ocupam os melhores postos de trabalho em um mercado exigente e concorrido. A formação no futebol de campo começa cedo, com frequência de maneira espontânea, fazendo parte em um processo que tem origem do núcleo familiar. Em seguida, aperfeiçoamento e investimento de tempo na preparação corporal são necessários para o desenvolvimento físico, comportamental e técnico. Equipes escolares e as escolinhas de futebol contribuem nesse processo, porém o grande objetivo dos jovens é estar inserido nas categorias de base dos clubes de futebol profissional que contam com centros de treinamento (CT).

A formação de atletas pode variar enormemente entre as agremiações das Séries A e B do Campeonato Brasileiro e os clubes de menor expressão que permanecem nos planos estadual ou regional. Nesse mercado os jovens atletas se submetem às mais diversas condições deficitárias, inclusive, correndo riscos em situações de vulnerabilidade. Supostamente, os clubes de maior expressão nacional possuem estruturas mais consolidadas para acolher os pretendentes a jogador. Isso envolve acompanhamento especializado por equipe multiprofissional, instalações adequadas à formação, equipamentos e materiais esportivos. Os jovens demonstram seu interesse nas categorias de base participando dos processos de seleção. Os mais concorridos são chamados de peneiras, momentos em que equipes fazem o chamamento público e organizam uma série de testes e treinamentos para identificar novos talentos a serem incorporados aos seus quadros. Lembremos que os jovens atletas se inserem em um mercado de trabalho que reconhece financeiramente os mais adaptados à modalidade. Situação em que os meninos da base são reconhecidos como mercadorias, matéria-prima bruta, pedras preciosas que serão lapidadas durante a formação.

Os muitos campeonatos promovidos nas categorias de base são o caminho mais utilizado para que os jovens possam circular em busca de um clube com melhor estrutura e expressão nacional ou mesmo internacional. As peneiras são os processos de seleção abertos à comunidade e servem para dar uma resposta ou oportunidade à sociedade, alimentando o mito de origem sobre a descoberta de atletas. Produzem sonhos em jovens e famílias que percorrem longas distâncias para oportunizar um momento de *sorte* (teste), desejosos de não mais viver o futebol pelo lado de fora do alambrado. No entanto, a aprovação de jovens em peneiras é muito menor quando confrontada com as negociações e ofertas de atletas entre clubes, olheiros e empresários. Nesse caso, os jovens atletas são indicados a participar de treinamentos nos clubes, durante uma semana, um mês ou mais. A afinidade dos agentes envolvidos com o futebol permite que atletas promissores sejam captados pelos clubes com melhor estrutura. Nos últimos anos, essa prática se intensifica com clubes internacionais, principalmente europeus, que cada vez mais cedo promovem testes em suas dependências, pensando em uma maior adaptação do atleta durante seu período probatório, mas que também, em seus objetivos financeiros, desejam se beneficiar da condição de clube

formador, evitando a contratação futura por valores milionários (MENESES, 2014).

Quando o jovem é selecionado para integrar uma equipe das categorias de base, para muitas famílias significa o começo da concretização de um sonho. O sonho é um projeto coletivo, conta com um planejamento e requer o esforço e sacrifício do grupo. O primeiro é o afastamento da família, muitos jovens atletas necessitam estar vinculados aos clubes de futebol que possuem sede em outra cidade, estado e mesmo país. Algumas famílias recebem oportunidade de acompanhar os filhos à cidade sede dos clubes, mas um grande número não tem essa opção. Os atletas se afastam do grupo familiar, dos amigos e da segurança do lugar em que vivem. Trocam de cidade, de escola, frequentam novos espaços e se submetem a treinamento intensivo.

O sentimento de muitos jovens e famílias ao se sacrificarem nesse processo de afastamento é o reconhecimento da concretização de uma carreira. Muitos vivem com a ideia de já ter dado certo, pois o vínculo com um clube profissional lhes parece o topo na formação. Infelizmente, tal sentimento escamoteia as agruras de um itinerário que deve culminar com a superação do segundo alambrado, entre a base e o profissionalismo, tampouco não deixa evidente as muitas situações de vulnerabilidade às quais os jovens podem estar expostos.

Os clubes de futebol costumam apelidar seus CTs com expressões como ninho, celeiro etc. Eles são espaços formativos e que sugerem proteção e segurança. Além disso, afirmam uma certa linhagem (produtiva) que passa a supor uma melhor preparação, o que no meio do futebol significa conceder um certificado de qualidade ao atleta. No entanto, nem sempre a segurança representada é a realidade vivida por atletas que compõem a categoria de base. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/1990 – ECA), a Lei Pelé (Lei 9,615/1998) e a Nova lei Pelé (Lei 12.345/2011) regulamentam e orientam o que os chamados clubes formadores devem dispor aos atletas para sua efetiva formação profissional, sem prejuízo para sua condição e fase de vida. Os clubes devem garantir acesso à escolarização, serviços de saúde (física e psicológica), estrutura e instalações adequadas para prática esportiva, além de promover valores éticos e morais. A entidade formadora assume a responsabilidade na capacitação dos jovens no âmbito de sua preparação cidadã, livrando-o da situação de vulnerabilidade.

Uma instituição importante para formação cidadã do jovem como indivíduo integrante da sociedade e que visa à sua habilitação para o exercício de atividades laborais é a escola. O estudante-atleta, assim como o estudante-trabalhador, de acordo com a lei brasileira, é obrigado a continuar sua escolarização até a conclusão do Ensino Médio. Os atletas, diferentemente dos trabalhadores de outras áreas, desenvolvem uma rotina que inclui viagens para participação em jogos e campeonatos. Além dessa distinção na prática e no desenvolvimento das atividades concomitantes (escola e trabalho), os trabalhadores não atletas parecem criar com a escolarização uma relação muito mais consciente, tendo em vista que suas oportunidades profissionais podem estar diretamente relacionadas ao conhecimento escolar, ou, ao menos, mais próximas dele. No caso dos atletas, o conhecimento escolar não aparece como aplicação direta na realização das técnicas corporais. A formação dos atletas trabalha com metas a curto e médio prazo, em sua maioria voltadas quase que 100% para a profissionalização no futebol como atleta. Ao não projetar a carreira a longo prazo, principalmente pensando no pós-carreira, tal fato não permite que os atletas nas categorias de base consigam identificar a importância imediata da escola para sua formação no futebol, menos ainda no pós-formação. Essa situação não pode ser atribuída como de total responsabilidade dos atletas pela escolha em deixar a escolarização de lado. Um conjunto de fatores presentes no modelo de formação futebolística acaba por facilitar o desenvolvimento de uma relação de descontinuidade (DA CONCEIÇÃO; BASSANI, 2016) com o processo de escolarização e na relação com o saber ensinado pela escola.

O artigo deseja abordar a temática da formação de atletas no futebol de campo e sua relação com a escola, apresentando parte dos resultados obtido em pesquisa com as categorias de base de dois clubes profissionais de Santa Catarina. Nossa proposta apresenta questões pontuais que aparecem como fatores relevantes para pensar a formação dos atletas de futebol. Os resultados foram obtidos em uma grande pesquisa dividida em três partes, dois trabalhos de conclusão de curso e uma dissertação: “O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e profissionalização futebolística em Florianópolis” (DA CONCEIÇÃO, 2013), “Estudante-atleta: caminhos e descaminhos – entre o vestiário e o banco escolar” (DA CONCEIÇÃO, 2014) e “O estudante-atleta: caminhos de uma conciliação” (DA CONCEIÇÃO, 2015). A pesquisa objetivou compreender a concomitância que o

estudante-atleta estabelece entre escola e formação esportiva. Os resultados permitiram observar que a formação esportiva no futebol de campo favorece o desenvolvimento do que chamamos de descontinuidade na relação que o atleta constrói com a escola e conseqüentemente com a sua escolarização.

A pesquisa compõe um trabalho conjunto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC) e o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC/UFRJ). Ambos núcleos desenvolvem investigação sobre as categorias de base do futebol de campo, bem como sobre a formação em outras modalidades como turfe, basquetebol, futebol de salão, remo, atletismo, voleibol, ginástica rítmica e judô. O interesse dos pesquisadores³ está pautado na formação, escolarização e no pós carreira de atletas profissionais.

Desconstrução do senso comum

Um dos principais resultados obtidos pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC/UFRJ) atesta que os atletas em formação no futebol possuem escolaridade idêntica ou superior se comparada com jovens da mesma faixa etária, inclusive na correspondência idade-série, no Estado do Rio de Janeiro (SOARES et. al., 2011). A partir dessa informação podemos contradizer a ideia de senso comum que alega ser o futebol um fator de influência sobre o fracasso escolar (repetência, desistência e evasão). Os jovens atletas, quando vinculados a um clube de futebol durante sua formação, têm conseguido concluir o Ensino Médio. Nossa problemática surge na pergunta sobre o tipo de escolarização que os jovens atletas experienciam. Se para a formação profissional o conhecimento escolar não se mostra importante, tampouco é enfatizado, como os jovens concluem sua escolarização? A investigação mobilizou esforços do Núcleo em Santa Catarina para desvelar como se dá a formação escolar de jovens atletas inseridos em categorias de base de clubes profissionais de futebol de campo (DA CONCEIÇÃO, 2015) e de futebol de salão (KLEIN, 2014).

Para entender as intersecções entre escola-clube-atleta, foram investigadas duas instituições estaduais de Ensino Médio regular em Florianópolis/SC, nas quais estudantes-atletas de futebol estavam matriculados. Elas eram frequentadas por jogadores das categorias

³ Informações sobre os resultados das pesquisas desenvolvidas podem ser encontradas no livro Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos (2016), organizado por Antônio J. G. Soares, Carlus A. J. Correa e Leonardo B. S. de. Melo.

de base do Avaí Futebol Clube e do Figueirense Futebol Clube, clubes com participações importantes das séries A e B nacionais. Os atletas, todos rapazes, tinham entre 14 e 17 anos, pertencentes às categorias sub-15 (infantil) e sub-17 (juvenil). Foi aplicado um questionário com grupos de atletas dos dois clubes, e realizadas entrevistas semiestruturadas com os jovens, profissionais dos clubes e das escolas. A participação observante (GUBER, 2001) também foi meio de produção de dados, pois acessamos às dependências dos clubes e escolas, podendo assim observar o comportamento dos agentes em interação na chegada, durante as atividades, intervalos e término das atividades em ambos espaços.

Os atletas da base podem ser categorizados como alojados e não-alojados. Os primeiros, majoritariamente vêm de fora da Grande Florianópolis, o que exige um afastamento dos laços familiar. Os atletas fazem parte do modelo de albergamento e as relações de tutela são construídas com os profissionais dos clubes que passam a ser os responsáveis pelos jovens. A relação com os outros atletas ampliam os laços de irmandade e de afinidade que constroem uma “nova família”. Os atletas vinculados às escolas parceiras de Avaí e Figueirense são jovens alojados que recebem atendimento diferenciado no quesito matrícula. Os não alojados, caso desejem, também têm prioridade na matrícula nas escolas parceiras. O objetivo é centralizá-los em um estabelecimento, o que tende a facilitar a comunicação e o próprio entrosamento entre eles.

A Escola Estadual Básica Ildefonso Linhares, no bairro Carianos, parceira do Avaí FC à época, contava no momento da pesquisa com 38 atletas matriculados, o que representava 20% de um total de 187 alunos do período noturno. A Escola Estadual Básica Aderbal Ramos da Silva, no bairro Estreito, parceira do Figueirense FC, tinha 32 atletas matriculados, o chegando a 13% de um universo de 231 jovens que frequentavam o turno da noite. Os atletas, devido sua notoriedade, eram facilmente percebidos na dinâmica escolar, na circulação pelo espaço, durante as aulas, com professores e também no interior das salas de aula.

A relação das escolas com os dois clubes de futebol se mostrou muito amistosa. As parcerias envolvem anos, o que permitiu um aprendizado sobre como manejar os atletas e mesmo a comunicação com os clubes. Essa relação foi se consolidando na forma de cooperação, colaboração, acomodação e até mesmo conflito. Um exemplo forma é a maneira como cada escola faz referências aos atletas. Na primeira, Ildefonso Linhares, a frase mais

usual dos professores e dos gestores ao se referirem aos atletas é “os meninos do Avaí”. Na segunda, Aderbal Ramos da Silva, a expressão utilizada é “os nossos Figueirinhas”. As duas expressões, em uma análise inicial, representam atitudes distintas com os estudantes-atletas. Uma procura marcar uma certa diferenciação, pois os meninos são deles. A outra ressalta uma proximidade, são os *nossos Figueirinhas*, diminutivo que remete à infantilização e expressa afeto.

Quando identificam “os meninos do Avaí”, os profissionais da educação marcam uma distância espacial, em certa medida procuram definir uma posição de responsabilidade do clube com os jovens. Por outro lado, a expressão “nossos Figueirinhas”, parece destacar uma maior afinidade e até mesmo coparticipação, sugerindo maior envolvimento com os atletas, o que não significa um melhor rendimento escolar. Percebemos uma relação de flexibilidade e favorecimento nas solicitações feitas pelo clube. Os jovens nas escolas observadas são reconhecidos por expressões que marcam um lugar que sobrepõe sua condição de estudante, constantemente a de atleta faz lembrar que são estrangeiros (SIMMEL, 2012) ou forasteiros (SCHÜTZ, 2012).

Os estudantes-atletas no ambiente escolar acabam por criar um grupo fechado e deslocado dos outros colegas. Fortalecem os laços de afinidade, compartilhando um sentimento de proteção, externando não fazerem parte daquele lugar. Quando falamos em proteção precisamos compreender que os atletas procuram fortalecer amizades e evitar conflitos. O comportamento do jovem no clube e na escola é avaliado constantemente e ajuda na decisão quanto à sua permanência ou não no processo de formação. Os atletas, devido às exigências do clube sobre seu comportamento dentro e fora do campo, desenvolvem uma conduta de afastamento dos colegas não atletas no ambiente escolar para evitar qualquer tipo de discussão. Essa é uma das principais justificativas para os jogadores serem reconhecidos como *antipáticos, arrogantes e metidos* (DA CONCEIÇÃO, 2014).

Esta afirmação parece ir na contramão do imaginário segundo o qual a escola é um espaço de sociabilidade que favorece a integração, um discurso presente nos profissionais educadores e mesmo nos clubes. No entanto, identificamos que no espaço escolar o disciplinamento exigido pela formação tende a produzir nos jovens uma segunda obrigação, colocando seu comportamento e postura à prova (DA CONCEIÇÃO, 2014).

Formação escolar e o *Plano B*

A escola é reconhecida pelos atletas como um local de aprendizado, porém sem aplicação prática no desempenho de suas atividades esportivas. Isso observamos na fala dos jovens entrevistados e na relação com a escolarização produzida dentro de um sentido bastante frágil e com objetivos utilitaristas. A aplicação do conhecimento escolar é vista como desejável para auxiliar na leitura dos futuros contratos durante as negociações, bem como, a instrumentalização para realização de boas entrevistas. Assim os atletas, acabam por criar uma relação secundária com a escolarização. No primeiro momento como uma obrigação, pois é exigência com base em lei, impondo matrícula e frequência. Nesse espaço, a disciplina e o comportamento são avaliados para permanência no clube evitando a dispensa antecipada. No segundo momento como um local para aprender a ler e adquirir noções de comunicação, o que para os atletas se mostra interessante para futuras negociações de contratos e entrevistas.

A participação dos estudantes-atletas na escola promoveu alterações nas regras de convívio de todos os estudantes. Regras que impactam atletas e não atletas, como a não utilização de camisas com referência a clubes de futebol no espaço escolar. Outras restrições impostas pelos clubes afetam a participação dos atletas nas aulas de Educação Física ou em atividades dentro e fora da escola que envolvam risco de acidentes. As contusões ou lesões que aconteçam fora do clube e do espaço de treinamento ou competição não têm garantias de cuidados, ou melhor, não serão de responsabilidade da entidade formadora, por essa razão os atletas evitam ao máximo se expor a riscos desnecessários. Outra razão diz respeito à competição interna, uma lesão pode significar um período ausente dos treinos e das competições. Nesse mercado competitivo isso pode representar perda de oportunidades de visibilidade ou de perda de espaço na própria equipe.

Observamos que os atletas de futebol não participam das aulas de Educação Física, pois pretendem evitar que um eventual mal-entendido com outros colegas acabe tendo como resultado uma lesão em uma bola dividida ou contato desleal. Portanto, os jovens não são proibidos de fazer as atividades, na linguagem escolar são apenas liberados, já que realizam atividade física intensa e podem assim evitar machucar-se ou ter um período de recuperação mais

adequado pós treinos. Ao refletir sobre essa situação entendemos a justificativa dos clubes e mesmo das escolas quanto à postura adotada. No entanto, não podemos deixar de considerar que o componente curricular Educação Física poderia aproveitar a experiência desses jovens, proporcionando aproximação em vez de ser mais um motivo de afastamento. Os atletas perdem a oportunidade de valorização do treinamento físico, alimentação regrada etc., algo que faz parte de sua visão de mundo e que estão aptos a compartilhar com conhecimento prático. O olhar limitado sobre a condição de atleta impede um maior aproveitamento do conhecimento e aptidões sobre o esporte que são parte das vivências desses jovens. Ao mesmo tempo, a escola renuncia à chance de ampliar nos atletas o horizonte de aplicação do seu conhecimento em diversas áreas profissionais que estão relacionadas com o desenvolvimento do esporte. O *plano B* para carreira profissional ainda pode estar ligado ao esporte no exercício de atividades laborais, como gestão esportiva, jornalismo, preparação física, medicina, nutrição, publicidade, moda, marketing etc.

O *plano B* ou segunda opção aparece como alternativa à formação no futebol profissional. As muitas dificuldades, desafios e infortúnios podem limitar a concretização do sonho. A formação ofertada pela escola precisa fazer parte do projeto pessoal e familiar. Por essa razão quando falamos de formação esportiva devemos nos referir a uma única carreira ou a uma dupla carreira? A escola aparece no discurso institucional dos dois clubes de futebol, reforçando o imaginário da promessa de uma possível mobilidade social. Procuramos desvelar o lugar inferiorizado que o processo de escolarização recebe durante a formação esportiva. A prioridade das famílias e dos clubes de futebol é uma carreira ligada ao esporte na condição de atleta (bem-sucedido). Entre os atletas podemos perceber que a escolarização pode até mesmo ser motivo de chacota, significar obrigação ou até mesmo um espaço de descontração para visitaçãõ fora do clube. Embora pareça paradoxal essa relação, destacamos que identificar a escola como veículo de mobilidade social é parte da construção reconhecida como sua função primordial. No entanto, os sujeitos desenvolvem relações diversas com as instituições durante sua interação social. No caso dos jovens atletas, o convívio em uma comunidade de prática (LAVE; WENGLER, 1991) com foco na formação futebolística faz com que aqueles que demonstrem desejo de estudar, a medida que se aproxima a profissionalização,

sejam identificados como desviantes e assim tendem a sofrer uma pressão do grupo para não dar atenção à escola.

Alguns dos motivos que podem despertar o interesse dos atletas pela escolarização são percebidos a partir de fatores como: **a)** influência familiar, já que a mais alta ou mais baixa escolaridade dos pais pode significar ter a escola como parte do projeto formativo; **b)** maior ou menor maturidade do jovem, uma vez que a saída de casa antecipa o processo de *adultização*, fazendo-o adquirir um maior entendimento da responsabilidade com o grupo familiar; **c)** maior ou menor consciência da fragilidade da carreira (ao assistir um amigo ser dispensado ou se machucar gravemente, os longos períodos de recuperação e as dispensas ou trocas de clubes); **d)** o distanciamento ou aproximação dos conteúdos escolares com a realidade do mundo do futebol, fato que depende muito do interesse próprio e capacidade didática do professor; **e)** a falta do acompanhamento escolar do clube, participação em reuniões, entregas de avaliação, espaço para realização de tarefas etc.; e **f)** a circulação ou rotatividade dos jovens que sofrem com assédio constante para mudança de clubes que apresentem melhores condições e visibilidade no mercado da bola. Estes são os principais fatores apontados pelos jovens e profissionais dos clubes que podem interferir no interesse pela formação escolar.

Outros desafios para os atletas e que potencializam seu desinteresse pela sala de aula são compartilhados com os estudantes-trabalhadores, como a concomitância com a escola e o desenvolvimento de uma atividade formativa ou profissional com base na produtividade. A formação esportiva também pode ser reconhecida como trabalho, assim comparar os jovens futebolistas com o estudante-trabalhador não é algo desproporcional, pois os atletas também sofrem com cansaço físico, falta de tempo para estudo e a frequente ausência em sala. O estudante-atleta realiza constantes viagens para competições estaduais, nacionais e até internacionais, tendo como efeito colateral o afastamento da escola e de seu conteúdo. A descontinuidade que indicamos ser resultado do processo de formação esportiva está diretamente relacionada a situações que afetam o desenvolvimento curricular que, pautado no acúmulo de conhecimento acaba por gerar falta de motivação. Logo, o desempenho e o sucesso escolar passam a ser quase que incompatíveis para os atletas que dedicam total interesse no futebol (SOARES, 2009). Utilizamos a expressão descontinuidade para alertar sobre um processo de aprendizagem

que passa a ser fragmentado entre idas e vindas. As etapas escolares os atletas tendem a concluir, mas, em razão da descontinuidade, sua relação com o saber é frágil e sem objetivos projetados em outras carreiras.

Devemos ainda ressaltar que o sistema de ensino precarizado também contribui para o desinteresse, algo não específico ao estudante-atleta. O ensino noturno possui reduzido aparato técnico profissional atuando nesse horário. Nesse turno as turmas podem ser mais breves ou a ocupação escolar diminuída. Outro fator recorrente em ambas as escolas foi a falta de professores. Muitas vezes os estudantes chegam com o objetivo de assistir a cinco aulas e se deparam com a realidade de com frequência presenciarem apenas três. Esse descaso acaba desestimulando os estudantes em geral, portanto, dedicar-se ao trabalho ou ao esporte não aparenta ser algo que venha contrariar os objetivos de deslocar a escola como um *plano B*, pois sua realidade como formação também está carregada de incertezas e sem produzir uma renda imediata para subsistência.

Afirmamos que o esporte não afasta o jovem da escola quando esse mantém um vínculo com o clube de futebol durante maior parte da temporada esportiva. Devemos destacar que essa situação favorável não acontece com muitos outros atletas. O desejo de superar o primeiro alambrado que os separa dos centros de treinamento faz com que muitos candidatos realizem testes em clubes de futebol durante grande parte do ano. Alguns testes podem ser com prazo de dias e outros até mesmo meses. Os clubes muitas vezes dispensam a responsabilidade de matricular um jovem na escola, já que não existe previsão de permanência. Nessa situação o ano letivo pode ser comprometido.

Oportunizar em meio a descontinuidade, uma dura contradição

Na fala dos profissionais da educação, quando procuram descrever os jovens, podemos encontrar posições positivas e negativas. Ambas partem de um ponto de vista legítimo para pensar a relação da escola com o jovem atleta. Os mais negativos rogam o cumprimento de normativas e outras deliberações que constam nos estatutos escolares e nas políticas públicas sobre juventude. Buscam garantia de ensino de qualidade e a contrapartida no esforço pelo desempenho adequado de seus estudantes, independentemente se realizam atividades profissionais ou não. Por outro lado, constatamos um discurso que faz referência

à capacidade da escola de ser um lugar para “oportunizar” ao jovem um espaço de integração social, mantendo-o longe de situações de vulnerabilidade, isto é, fora da rua, onde estaria próximo à violência e à delinquência. Esse discurso está alinhado com o papel da escola como instituição socializadora, isto é, formadora de bons cidadãos. O oportunizar também carrega uma narrativa mais condescendente com a vida do jogador de futebol em formação. A escola passa a ser mais permissiva com os atletas flexibilizando práticas, valorizando a condição moral, seu sacrifício ao se afastar dos familiares, a participação em treinamentos de alto rendimento e a realização de viagens. Essa mensagem tende a dar prioridade à carreira no futebol, deixando a escola em uma condição secundária no processo formativo. Os atletas, distintamente de outros estudantes, possuem uma condição avaliativa fortemente pautada em valores morais. Não queremos dizer com isso que seus colegas também não a tenham, porém parece que no caso do oportunizar há uma preconcepção que antecipa o resultado dos Conselhos de Classe. A fala de uma Coordenadora Pedagógica da escola Aderbal Ramos da Silva representa o dilema dos professores e da coordenação quanto ao contexto de descontinuidade que os atletas vivenciam na escola: *“Como avaliar? Eles têm nota baixa, ficam pendurados em declarações e atestados médicos que garantem a realização de novos trabalhos ou a repetição da nota anterior.”* (ENTREVISTA, MAR. 2015).

A situação é semelhante na escola Ildefonso Linhares, na qual os coordenadores apontam uma postura dos atletas que seria a de “fazer o suficiente”. Isto é, estar em sala de aula, entregar os trabalhos e participar das provas sem muito interesse, nitidamente aceitando tudo como uma obrigação. Não queremos generalizar dizendo que todos atletas têm esse comportamento. Alguns jovens e como brevemente apontado, dependendo do núcleo familiar, podem ter na escolarização um *plano B* definido, sendo exigidos no rendimento escolar. Entretanto, a grande maioria encara com desdém os conteúdos de ensino ou passa a ter o mesmo sentimento de menor importância à medida que o *habitus* da formação se coloca. Na fala dos coordenadores educacionais a participação nas aulas, a entrega das provas e dos trabalhos sinaliza o esforço, a responsabilidade e um suposto compromisso que parece satisfazer aos professores. Ele pode ser exemplificado pelo comentário da Coordenadora Pedagógica da escola Ildefonso Linhares, que aponta a expectativa da escola em cumprir

seu papel de oportunizar seu espaço aos atletas: “*Reprovar o aluno no Ensino Médio, por quê? Ele não quer ser doutor, ele quer ser homem, ele quer ter uma formação. Ele vêm de outras escolas pra cá, eu não sei se vão ficar muito tempo aqui!*”! (ENTREVISTA, MAI. 2013).

O dilema entre oportunizar e cobrar o cumprimento dos standards educacionais acaba gerando entre os professores que atuam com os atletas diversas reações. Algumas mais positivas e outras negativas, que são externadas em adjetivações. Podemos apontar uma resistência dos professores em adequar seus programas de ensino e em remarcar datas de provas e entrega de trabalhos. Outros valorizam a trajetória social e o itinerário formativo dos atletas, pautando suas avaliações apenas no padrão moral. Os atletas observados nas escolas investigadas recebiam adjetivações de profissionais da escola e de outros estudantes. As expressões se relacionavam às atitudes e ao comportamento no espaço escolar, rotulando-os e reforçando estereótipos. Muitos atletas vão para as aulas sem material didático, chegam atrasados, usam o celular de maneira displicente, permanecem com fones de ouvido e se juntam em grupo, geralmente, no fundo da sala. As expressões que mais registramos descrevem os atletas como “quietos”, “desinteressados”, “bagunceiros”, “relapsos”, “marrentos” e “cheios de empáfia”. As categorizações descritas remetem a condições não condizentes com o modelo de estudante esperado pela escola. Logo, serem reconhecidos como “meninos do Avaí” e “nossos Figueirinhas” passa a representar o quanto o grupo de atletas se aparta e é apartado do processo de inclusão e formação escolar.

Uma formação holística como solução?

Este breve artigo apresenta um recorte dos resultados obtidos em pesquisa sobre a formação de jogadores de futebol e sua concomitância com a escolarização. Observamos que o itinerário formativo dos atletas tende a promover separações e rupturas, a principal ou muitas vezes imediata diz respeito aos laços familiares. Outras desistências ou afastamentos são exigidos à medida que a profissionalização se torna mais concreta. Podemos indicar que a escola, considerando o modelo formativo mais comum aplicado pelos clubes tende a ser deixada de lado pelos atletas. A palavra separação e seus sinônimos (afastar, apartar e isolar) representa o que significa participar do processo de formação profissional. Uma

situação de ausência e de constantes escolhas, para conquistar o sonho almejado. Para isso, é preciso estar sempre se separando de algo. Essa parece ser uma dinâmica presente em um mercado cada vez mais competitivo e exigente com aqueles dispostos a delimitar seu processo de seleção.

Quando pensamos em eventuais mudanças nessa realidade, uma transformação cultural é necessária. No entanto, boa parte das mudanças deve passar pelo ajuste do calendário de competições que acontece concomitantemente ao escolar. Como observado, os jovens atletas realizam viagens que podem mediante o desempenho da equipe deixá-los por períodos até 3 ou 4 semanas afastados da escola. Se desejamos superar a descontinuidade e atribuir maior importância à escolarização, o mercado da formação de atletas deve adequar datas dos principais eventos, organizando seu calendário com objetivo de proporcionar mais tempo de frequência dos atletas à escola ou encontrar formas pedagógicas que compensem a intermitência.

As escolas como instituições que recebem os jovens atletas também podem contribuir nesse processo. Os conteúdos poderiam estar mais próximos da realidade de seus alunos, o que passa muito pela sensibilidade dos professores em fazer a mediação do currículo e do ensino. A escola precisa se promover como um espaço de inclusão e não apenas de integração pautado no oportunizar. Nossa proposta, ao destacar um descompasso na relação formativa escolar e futebolística, não pretende atribuir exagerada responsabilidade à instituição de ensino. Também não indicamos como solução uma educação compensatória, mas incentivamos um olhar mais atento para envolver os estudantes atletas no contexto de suas particularidades extraclasse (DA CONCEIÇÃO; BASSANI; GROSSI, 2017).

Os clubes, que neste artigo não receberam maior atenção quanto à relação que desenvolvem com a escola, são peças fundamentais na formação voltada para a construção de um *plano B*. Uma dupla carreira, quando bem estruturada e acompanhada por profissionais, pode agregar valor ao jogador, significando um novo olhar para a formação. Nesse caso, a superação do segundo alambrado e a concretização do sonho da profissionalização. Seria profissionalmente melhor um jogador com uma formação holística preparado não apenas em sua parte física e técnica, porém acrescido de uma capacidade intelectual que pudesse produzir resultados que estarão relacionados ao extracampo e que

potencializam seu profissionalismo. Uma maior capacidade de interpretação e compreensão das mais diferentes áreas do conhecimento habilita o jovem atleta para um melhor desenvolvimento tático e técnico. Os avanços nas ciências ligadas ao esporte tornam a comunicação cada vez mais especializada e quem for capaz de entender decodificando suas informações têm mais chances de se manter no processo formativo. Faz-se necessário desenvolver essa crença para que o processo de transformação sofra a mudança esperada, evitando assim a reprodução da descontinuidade.

Finalizando, queremos apontar que a utilização do termo estudante-atleta indica dois papéis sociais compartilhados. Ambos são exercidos por meio de atitudes e posturas reconhecidas nas instituições que representam (escola e clube). Quando os juntamos, destacamos que o jovem parece estar na intersecção entre duas formações, uma dupla carreira. São projetos que muitas vezes passam a ser apresentados como incompatíveis e não relacionados. Propomos que ambas carreiras possam ser pensadas em sua complementariedade, isto é, uma favorecendo a outra. Para que essa transformação ocorra se faz necessário repensar os objetivos e o processo formativo. Enquanto o debate apenas explicitar conflitos, interferências e omissões, continuaremos incompatibilizando a concomitância das atividades e promovendo abertamente a descontinuidade da relação com o saber ofertado pelo espaço escolar.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei n. 9615** de 24 de Março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

BRASIL. **Lei n. 12.395**, de 16 de Março de 2011. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei no 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7.ed – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. **O educar que se repele**: um estudo sobre escolarização e profissionalização futebolística em Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Licenciatura, Departamento de Antropologia e Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105114>>.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. **Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol – entre o vestiário e o banco escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Antropologia e Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis, 2014.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. O desafio de uma conciliação: o estudante-atleta e a descontinuidade na formação escolar. In: ___. (ORG) SOARES, Antônio J. G.; CORREIA, Carlus A. J.; MELO, Leonardo B. S. de. **Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos.** RJ: 7 Letras, 2016. p. 21-50.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. Com a bola no pé e o lápis na mão: o estudante-atleta em formação no futebol. In: ___. (ORG) WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam; GRAUPE, Mareli E. **Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina.** Florianópolis: Mulheres, 2017. p. 117-137.

DAMO, Arlei. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, nº 66, fev. 2008. p. 139-209.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad.** Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

KLEIN, Lucas. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina.** (Dissertação de Mestrado). Florianópolis, SC: PPGE/UFSC, 2014.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Aprendizaje Situado: participación periférica legítima.** New York: Cambridge University Press, 1991.

MENESES, Juan Pablo. **Dente de leite S.A.: a indústria dos meninos bons de bola.** Barueri, SP: Amarilys, 2014.

SIMMEL, Georg. El extranjero. In: ___. **El extranjero: sociología del extraño.** Madrid: Ediciones Sequitur, 2012. p. 21-26.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: ___. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16, Salvador, **Anais...** Salvador, 2009, p. 1-11.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola.** Florianópolis: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 4, out/dez, 2011. p. 905-921

SOARES, Antônio J. G.; CORREIA, Carlus A. J.; MELO, Leonardo B. S. de. **Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos.** RJ: 7 Letras, 2016. p. 21-50.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n 30, p. 85-111, dez. 2008.

SCHÜTZ, Alfred. El forasteiro; ensayo de psicología social. In: ___. **El extranjero: sociología del extraño.** Madrid: Ediciones Sequitur, 2012. p. 27-42.